



José M. da Silva
Rio de Janeiro/RJ

Límite

[final de 2022]

tem dias
em que o mundo não gira
o prazo expira
a gente pira
é quando os demônios atacam
os neurônios disparam
o tiro a um dedo de distância
o destempero, o desespero
a falta de dinheiro
a esperança num palheiro
a vida um detalhe
sonhos perdidos, horizonte cada vez mais longe
o raciocínio divaga, o sono que foge
nas horas mortas da noite
o pensamento, um açoite
muito se foi, pouco ficou
o que a vida deixou o vírus matou, a política levou
tem dias
em que é difícil resistir
é quase impossível sentir, é preciso omitir, sumir
ao redor, sofrimento e desolação
no país, desgoverno e retrocesso
a terra queima, o pobre delinha, o indígena some
a mulher assediada, o gay assassinado, o diferente ignorado
e o tempo avança, inexorável



a vida é só desabastança, a carne uma vaga lembrança
a criança que não lê, o letrado que não vê, o ser que não se
o rico vai à lua
deixa a humanidade nua
não é só aqui, é em grande parte do vasto imundo mundo, raimundo
as prioridades se inverteram, deterioraram-se, apequenaram-se
tem dias
em que se avalla
a mais-valia, a atrofia, a notícia, a mensagem sub-reptícia
ídolos mortos, desejos tortos
a vida em tese não continua
porque não pode
a vida sempre para por aqui
interrompida, abatida, ressentida
em algum momento impensado
Inusitado, conturbado
seguir ou não seguir
eis a duvidosa, ruidosa questão
a eterna decisão
no país do primeiro o meu quinhão
a eterna dúvida
entre o sim e o não
entre a guerra e a paz
um momento crítico, apocalíptico
mera decisão
bastante simples
no dia da eleição

[@josemsilvaprof](#)